

MINHA TRAJETÓRIA DE PESQUISA NO DOUTORADO ACERCA DA BELETRISTA E EDUCADORA CEARENSE FRANCISCA CLOTILDE

Gildênia Moura de Araújo Almeidaⁱ

RELATO DE EXPERIÊNCIA



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Pós-Doutorado em História da Educação (Universidade Federal da Paraíba – UFPB) e Pós-Doutorado em Letras Literatura (Universidade Federal do Ceará – UFC); Doutorado em Educação Brasileira (UFC); Mestrado em Letras (UFC); Especialização em Literatura Brasileira (Universidade Estadual do Ceará – UECE); Especialização em Administração Escolar (Universidade Salgado Oliveira – UNIVERSO); e graduação Letras (UFC) e Pedagogia (Universidade Paulista – UNIP). Professora aposentada da Rede Pública Municipal de Maracanaú e em exercício na Rede Estadual do Ceará – SEDUC/CREDE1. Tutora da Universidade Aberta do Brasil (UAB – UFC Virtual e UECE EaD) e Professora Formadora do curso de Pedagogia PARFOR/UFC. Tem publicações em livros acadêmicos e literários. E-mail: gildenimoura@gmail.com.

1 Os Caminhos e o encontro com Francisca Clotilde

Como encontrei Francisca Clotilde?

Por mais estranho que pareça, mesmo sendo formada em Letras, em minha graduação, não ouvi falar sobre Francisca Clotilde. E como nos encontramos nas Letras? Retornemos no tempo...

Concluí a faculdade em 1986, em Letras, na Universidade Federal do Ceará – UFC. Por motivos particulares e de trabalho, 19 anos depois de concluir a licenciatura, retornei ao mundo acadêmico, em 2005, para cursar o Mestrado em Letras Literatura na UFC com a pesquisa sobre Rodolfo Teófilo e sua obra literária *A Fome* (1890).

Foram dois anos de muita dedicação devido ao tempo que fiquei afastada de leituras acadêmicas; meu contato maior era com o material do meu cotidiano de trabalho com a Educação Básica. E foi nas madrugadas, quando as ruas estão silenciosas e podemos dialogar calmamente com o texto, discutir com a/o autora/or, que eu encontrei Francisca Clotilde.

Ao pesquisar sobre a história literária de Rodolfo Teófilo, deparei-me com uma mulher atuando no universo da intelectualidade cearense dominada por homens entre o final do século XIX e o começo do século XX; estava lá uma voz feminina: Francisca Clotilde ou F. Clotilde (como ela também assinava). Esse nome me chamou a atenção em meio a tantos nomes masculinos e listas de escritores em grêmios literários cearenses, figurando em vários textos, em diversos jornais. E não apenas nas letras: seu nome também constava na relação de professores da Escola Normal, juntamente com Rodolfo Teófilo e demais mestres. **Francisca Clotilde Barbosa Lima**. Guardei o nome e a história dela; futuramente poderia cruzar com ela novamente nos vários caminhos da arte intelectual.

Passou-se algum tempo e numa aula de Literatura Cearense, no mestrado, cujo titular da disciplina era o Professor Sânzio de Azevedo, meu orientador, deparei-me novamente com a história de Francisca Clotilde. A então mestranda em História Social, Luciana Almeida, matriculou-se na disciplina de História da Literatura Cearense para obter informações sobre a literata Francisca Clotilde. Cada aluna/o na disciplina iria apresentar uma/um autora/or cearense. Eu fiquei com o meu objeto de estudo, Rodolfo Teófilo, e Luciana apresentou o seminário sobre Francisca Clotilde e a Revista *Estrella*. Por meio da explanação, vim a conhecer mais a história dessa tauaense que morou em Baturité, depois Fortaleza, retornou a Baturité e, por fim, viveu os últimos dias de sua longa vida em Aracati. Poetisa, contista, teatróloga e romancista, Francisca Clotilde destacou-se no Ceará por causa do seu romance, considerado antifamiliar: *A Divorciada* (1902).

Outro ponto que me chamou a atenção: a informação de que Francisca Clotilde foi a primeira mulher a lecionar na Escola Normal do Ceará, época em que somente os homens eram os lentes da Educação Normalista. Considerei esse fato interessante e também porque ela, tal como Rodolfo Teófilo, foram abolicionistas e, anos depois, pró-Franco Rabelo, contra a administração de Nogueira Accioly, o então presidente da província do Ceará. Pensei “Que mulher corajosa! Isso dá uma boa pesquisa!”. Então, guardei o que tinha sobre ela – o material encontrado em minhas pesquisas sobre Rodolfo Teófilo e as informações apresentadas no seminário de Luciana Almeida. Seriam extremamente úteis mais adiante como veremos.

Passou-se o tempo e concluí o mestrado em 2007. Logo em seguida, fiquei interessada em realizar o doutorado, porém não havia nenhum em Literatura nos programas de pós-graduação no Ceará. Eu poderia tentar na Linguística ou na Educação, ambos na UFC. Assim, fui assistir a algumas aulas como ouvinte na disciplina de Linguística Textual, com a Professora Mônica Magalhães; pretendia fazer algo relacionado com Análise do Discurso. Em uma das aulas, a Professora Mônica nos convidou para assistir a uma defesa de tese na Faculdade de Educação, em que ela faria parte da banca. Seria a defesa da doutoranda Nukácia Araújo sobre o *Jornal das Moças*, cuja orientadora era a Professora Andrea Leão. Tema e tese bem pertinentes. Após a apresentação, conversei com a Professora Mônica e informei que aquela defesa me dera a ideia de um projeto para a seleção do Doutorado em Educação, que seria sobre Francisca Clotilde, relacionada com a Educação e a Literatura.

Então, logo após a minha decisão de pesquisa, eu acessei o *site* da pós-graduação da Faculdade de Educação (Faced) da UFC e constatei que não havia nenhuma pesquisa sobre essa intelectual. Este fato deixou-me feliz e, ao mesmo tempo, indignada. Não haver nenhum estudo sobre a primeira mulher a lecionar na Escola Normal do Ceará, e isso no curso de graduação em Educação? Fiquei consternada. Porém, o fato ocorrido foi um mal que se tornou em um bem para mim, pois essa seria minha investigação na linha de pesquisa História e Memória da Educação. Este estudo poderia unir a Literatura com a Educação, visto que Francisca Clotilde foi escritora do Romantismo cearense e professora não somente na Escola Normal, como teria – mais adiante eu comprovaria –, a primeira escola particular mista do Ceará. Assim, dediquei-me ao projeto e, em 2008, tentei a seleção do doutorado em Educação Brasileira na UFC.

Fizeram parte da minha banca de entrevista da seleção os professores: Luís Távora, Rui Martinho e Juraci Maia Cavalcante. Não posso deixar de relatar aqui um fato curioso ocorrido comigo no dia da entrevista, pois há momentos na vida cujos mistérios nos levam a pensar: “É uma mensagem para mim?”. Narrarei, a seguir, a história...

A entrevista durou entre 30 e 40 minutos, fato que considerei interessante, pois se demorou é porque a banca gostou de algo que eu apresentei e quis investigar mais sobre a pesquisa e a candidata. Saí da entrevista esperançosa, mas não quis criar expectativa demais, pois sabia que estava concorrendo com fortes candidatas/os e por não ser da área da Educação e sim de Letras, poderia esse fato não ser positivo, visto que não aproveitaria nenhuma disciplina do mestrado, e assim, teria que realizar todas as disciplinas do programa relacionadas com a área de pesquisa elegida. Retornando à narrativa, concluída a entrevista, fui para o ponto de ônibus. Ao atravessar a Avenida Carapinima¹, duas motos pararam perto de mim e um motoqueiro perguntou ao outro: “Você sabe onde é a Rua Francisca Clotilde?” e o outro respondeu: “Fica no Bairro Rodolfo Teófilo”.

Então, dá para imaginar como eu fiquei. Esse diálogo não saía da minha mente e eu indagava: “Senhor, essa mensagem é para mim? É para eu ficar esperançosa?”. Nunca os dias foram tão longos para mim, ansiosa que estava pelo resultado final. Enfim, o resultado saiu: fui aprovada na seleção. E a conversa com os dois motoqueiros? Deixo para que cada uma/um faça a sua própria interpretação, mas citando Blaise Pascal: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”. E eu acrescento: A vida tem mistérios que a própria razão desconhece.

Iniciei meu curso no semestre seguinte, tendo como orientadora a Professora Juraci Maia Cavalcante, mas por motivo do seu futuro trabalho em Portugal, ela não pôde mais seguir com as orientações na UFC. A partir de 2009, eu fiquei sob a orientação do Professor Luís Távora. Antes da mudança de orientação, lembro-me de uma cena na qual a Professora Juraci Maia me mostrou um livro. Ao vê-lo, fiquei triste, pois se tratava da obra sobre Francisca Clotilde na Literatura e na Educação. Pensei: “E agora? Minha tese está aí!” Ela olhou-me bem séria e disse: “Procure lacunas. Por mais que se pesquise, sempre fica algo que ainda não foi desvendado”. E assim eu fiz. Li este livro de Anamélia Mota, de Tauá – por sinal, uma obra que me deu um norte para minhas pesquisas – e como a professora havia dito, encontrei lacunas.

E nesse espaço sem muitas informações sobre a vida educacional de Francisca Clotilde está a maior parte da minha pesquisa. Tanto o livro de Anamélia Mota, como o de Cecília Cunha, o de Luciana Almeida e o de Caterina de Saboya Oliveira tratam mais sobre a história literária de Francisca Clotilde do que sobre a sua atuação na Educação cearense. Todos esses livros foram de suma importância para a minha investigação, como também outros estudos a

¹ A Avenida Carapinima, no bairro Benfica, em Fortaleza, é, de acordo com Leila Nobre, a continuação da Avenida Tristão Gonçalves e as raízes de seu nome se mesclam à Confederação do Equador e à implantação da estrada de ferro na capital do estado (Nota da Autora – Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2012/10/avenida-carapinima-um-simbolo-do-benfica.html>. Acesso em: 16 dez. 2023).

respeito da literata Francisca Clotilde ou F. Clotilde, como ela gostava de assinar seus textos, e estão na bibliografia da minha tese.

Eis a minha caminhada rumo ao encontro com Francisca Clotilde. Asseguro às/aos leitoras/es e estudiosas/os que minha contribuição em forma de tese doutoral não concluiu a história dela, pois Clotilde realizou muitas produções literárias em vários jornais cearenses e nacionais – muitos dos quais estão arquivados em bibliotecas públicas e particulares. Eles ainda não foram descobertos e estão à espera de novas/os pesquisadoras/es.

2 Percorrendo os caminhos dos desafios metodológicos para estudar Francisca Clotilde

Em minha pesquisa de doutorado, realizei um estudo sobre as mulheres escritoras e educadoras do Ceará, tendo como foco o período em que Francisca Clotilde viveu (entre 1862 e 1935). Partindo da história social cearense, obtive informações para escrever sobre ela e as demais beletistas e educadoras do século XIX.

Por que o vocábulo “beletista”? O que significa esse termo? Segundo Aurélio Buarque de Holanda, beletista é a pessoa que cultiva as belas-letras. Assim, temos a história de mulheres que cultivaram a beleza da arte de escrever, na província do Ceará, além da arte de ensinar.

Por esse prisma, temos a biografia como uma ferramenta preciosa na reconstrução da História da Educação, pois com a trajetória biográfica de uma personalidade – célebre ou não – obtemos informações a respeito de uma época com sua cultura, valores, costumes, tradições, economia, política, religião e educação; e tudo partindo da biografada, de uma biografia modal.

Na construção da história sobre as beletistas e educadoras no Ceará do século XIX, tendo como ponto fulcral a biografia modal de Francisca Clotilde, passei por várias dificuldades de acesso a fontes fiáveis, pois, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, havia pedras no meio do caminho. As primeiras: dificuldade de atinar com algo que alguém ainda não havia estudado antes sobre o tema, principalmente sobre Francisca Clotilde; dificuldade de encontrar documentos sobre ela e dela própria, pois nas bibliotecas não havia fontes bibliográficas a seu respeito. Na própria Faculdade de Letras não havia um exemplar de *A Divorciada*. Como fazer a análise de uma obra se eu não tinha um único exemplar dessa obra – nem para fotocopiar? Recorri ao Professor Sânzio de Azevedo, que tem um ótimo acervo literário em sua residência. Ele prontamente me emprestou o seu exemplar raro (da 2ª edição, de 1996, que teve apenas 200 exemplares, passando também a ser considerada rara essa edição).

Com a fotocópia do livro, a partir dessa gentileza do professor, pus-me a ler a obra. Depois fui à procura de mais informações, mas começar por onde? Por Tauá? Baturité?

Fortaleza? Aracati? Iniciei pelo final: fui visitar a família de Francisca Clotilde em Aracati. Acessei o *site* Solar das Clotildes² e entrei em contato com Rosângela Ponciano, uma bisneta dela. Visitei Aracati três vezes, cidade distante 140 km de Fortaleza.

Conversando com os familiares, tive um norte para seguir com o estudo. Depois viajei para Tauá, que dista 345 km de Fortaleza. No Sertão dos Inhamuns, procurei documentos de/sobre Francisca Clotilde, contudo, ali não havia muitas informações sobre ela, visto que se mudara com os pais para Baturité ainda criança, conforme me informou a tauaense Anamélia Mota, pesquisadora e escritora cuja obra – *Francisca Clotilde: uma pioneira da Educação e da Literatura no Ceará* – foi de imensurável importância para a minha investigação, como já posto.

Depois fui visitar Baturité, a 93 km de Fortaleza. Na cidade, não obtive contato pessoalmente com familiares – descendentes dos Correia Lima e Castelo Branco. Meu contato foi via *e-mail*, com Marcus Vinícius Silveira Castelo Branco, e pelo *blog* que ele administra³. No museu da cidade, não há muitas informações sobre nossa biografada. Sendo assim, minhas pesquisas situaram-se em dois pontos principais: Fortaleza e Aracati.

Em Fortaleza, visitei o Colégio da Imaculada Conceição, onde ela estudara; seguidamente, o Colégio Estadual Justiniano de Serpa, a antiga Escola Normal do Ceará, onde ela lecionou. Nas referidas escolas não havia informações documentais sobre a estudante e a Professora Francisca Clotilde – infelizmente.

Então, onde buscar? Nesse momento, surge o desespero em quem pesquisa: o que dizer de diferente do que as/os outras/os já informaram, se não há uma base teórica nem dados verossímeis que norteiem a investigação? Então, realizei uma busca bibliográfica: o que as/os outras/os pesquisadoras/es já mencionaram e o que não ficou bem esclarecido. Com base nisso, o que eu poderia acrescentar ao que já fora relatado? Li livros e estudos que estão nas referências bibliográficas da minha tese, realizei minhas observações e fui a campo, em busca “do elo perdido”.

Onde poderia garimpar e encontrar ouro, além da obra *A Divorciada*? Uma fonte na qual encontrei informações sobre a arte literária de Francisca Clotilde e a respeito de sua vida foi em jornais da época. Então, comecei um trabalho de paciência, lendo os vários jornais de Fortaleza, da serra de Baturité e de Aracati que estão catalogados na hemeroteca e no setor de microfilmagem da Biblioteca Estadual Menezes Pimentel, em Fortaleza, cujos responsáveis pelo setor na época eram Gertrudes Costa Sales e João Elmadan, que foram atenciosos comigo

² Cf. www.solardasclotildes.art.br. Nota da Autora.

³ Cf. www.familiasdebaturite.blogspot.com. Nota da Autora.

tal como desde a época do mestrado, quando ia à biblioteca estadual para pesquisar sobre Rodolfo Teófilo.

Jornais são fontes importantes para a pesquisa acadêmica porque neles encontramos fatos e vários pontos de vista gerados no momento em que nosso objeto de estudo estava em evidência. Outras fontes igualmente fidedignas são as revistas de circulação local, regional e nacional; os materiais epistolares, diários e outros escritos pessoais também são de imprescindível valia. Por isso, a importância de se observar os vários vieses de uma notícia, não se analisar apenas um veículo; é necessário pesquisar em diversos meios quando se quer investigar academicamente.

Procurei igualmente, no arquivo da Arquidiocese de Fortaleza, informações sobre batizados e casamentos, com o intuito de descobrir pistas de minha biografada. Não encontrei nenhum dado sobre ela ou seus familiares. Naquele momento, abateu-se sobre mim o desalento por não encontrar fontes primárias, visto que secundárias eu obtive. Para quem trabalha com pesquisas científicas, a maior realização é encontrar os dados coletados pela primeira vez; é ser uma/um descobridora/or.

E em qual outra fonte pesquisar sobre a Professora Francisca Clotilde, visto que não havia quase informações sobre ela na antiga Escola Normal? Onde procurar documentos sobre a Instrução Pública do século XIX? Então, pensei no acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC) e fui à procura desses documentos antigos. Nessa repartição, há uma diversidade de fontes primárias para nós, pesquisadoras/es, não só da Educação do estado do Ceará, como de outras áreas também: Justiça Administração Pública, Ciências Políticas, Economia, Ciências Sociais e outras mais.

No primeiro semestre de 2009, comecei a pesquisar no Arquivo Público. Conheci nesse órgão pessoas atenciosas: Francisco Levi Jucá – na época, estagiário do curso de História da UFC –; os funcionários Jota, Paulo Cardoso, Liduína e o pesquisador André Frota. Esse último, sabendo da minha investigação, informou que tinha um exemplar a mais de *A Divorciada*. Quase não me contive de emoção ao poder ter em mãos uma obra que para mim é tão sumamente rara. Foi assim, por intermédio do Professor André Frota, que vim a fazer parte do seleto grupo de 200 pessoas que têm a 2ª edição do romance *A Divorciada*, a tão conhecida obra cotidiana, denominada no século passado de “antifamiliar”.

E assim foram meus dias no curso de Doutorado em Educação: uns dias em aulas, outros em estudos e escrita, e outros entre a Biblioteca Estadual Menezes Pimentel e o Arquivo Público do Ceará.

Como apoio de fundamentação bibliográfica, realizei leituras e estudos dos teóricos Jacques Le Goff, Giovanni Levi, Francois Dosse, Philippe Lejeune, Alberto Dines, Geirge Duby, Emile Durkheim, Wellek, Warren, Rousseau, Beauvoir e Hahner em relação a História, biografia, Sociologia, Literatura, Educação e gênero. Na bibliografia brasileira, pesquisei as obras de Dermeval Saviani, Sérgio Vilas Boas, Massaud Moisés, Antônio Candido, Alfredo Bosi, Dolor Barreira, Raimundo Girão e Sânzio de Azevedo sobre Educação, Literatura e gênero no espaço brasileiro, principalmente sobre a história das mulheres nas letras e na Educação, com destaque para as literatas e educadoras cearenses.

Minha tese⁴ ficou organizada em três capítulos.

O primeiro é a fundamentação teórica sobre a pesquisa que está relacionada com o fazer biográfico em um trabalho acadêmico. **Por que fazer biografia em uma tese? Esse é o primeiro questionamento e justificativa. E por que não fazê-lo?** Capítulo esse que está subdividido em três subcapítulos: a primeira subdivisão é um histórico sobre História, Literatura e Educação. Logo em seguida, faço uma explanação sobre o gênero biografia e, finalmente, explicando sobre biografia modal, utilizo como referencial a literata e professora Francisca Clotilde.

O segundo capítulo é relacionado à mulher, seu tempo, seu espaço e sua história. Nesse, realizo um estudo sobre as mulheres beletistas e educadoras do século XIX no Ceará. Dentre muitas, destaco algumas: Alba Valdez, Ana Facó, Ana Nogueira Batista, Emília Freitas e Francisca Clotilde, sendo essa última a protagonista da história das mulheres escritoras e docentes do Ceará provinciano. Também menciono Adília de Luna Freire/Adília de Albuquerque Moraes, Serafina Pontes e Úrsula Garcia por terem contribuído para o fortalecimento da produção literária feminina. No referente às cinco primeiras escritoras, elas foram destacadas porque atuaram como escritoras e professoras ao mesmo tempo e tiveram contato uma com a outra, tanto em movimentos relacionados à Literatura como na Educação no Ceará.

E o último capítulo, o mais importante: “Francisca Clotilde: sua trajetória em letras, educação e amor”. Nele, inicio narrando sua infância e antepassadas/os, contextualizando os fatos históricos. Mais adiante, relato sobre seus primeiros estudos, a mudança da família de Tauá para Baturité e os movimentos sociais, políticos e intelectuais do período, principalmente os anos 70 do século XIX. Em sua juventude, o Ceará passava por mudanças na política e o

⁴ ALMEIDA, G. M. de A. *Mulheres beletistas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935*. 2012. 356 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012.

povo cearense ansiava por viver uma realidade moldada pela *Belle Époque*, com o aformoseamento e a salubridade cidadinas, além de uma cultura com base nas atividades de lazer e na moda de além-mar. Na capital da província, Francisca Clotilde realizou seus sonhos tanto na Literatura como na Educação. Esse período também a marcou negativamente, pois vieram para ela fortes mudanças em sua vida, causando-lhe rupturas com algumas normas familiares e sociais ao sonhar com Literatura, Educação e amor.

Chegando à maioridade, Francisca Clotilde vivenciou o desgaste familiar, social e profissional que teve que enfrentar por viver um grande amor proibido, tido como adúltero. Naquele período, o Ceará passava por manifestações políticas e reformas educacionais e Clotilde aderira a essas movimentações. Contudo, ela sofreu represálias não somente em nível literário como também em nível laboral – fatos advindos dessa relação de amor que não foi bem-recebida por seu entorno. Pediu demissão ou foi forçada a pedir demissão da Escola Normal? Para ela, que tinha sido uma mulher com coragem para enfrentar o universo intelectual masculino, sendo a primeira mulher a lecionar nessa escola tradicional, teria sentido sair da instituição por vontade própria, após tanta luta para nela entrar e permanecer, ficando depois sem emprego? Mesmo fundando seu próprio colégio misto, o Externato Santa Clotilde, não conseguiu se manter na capital cearense, tendo que se refugiar com parentes em Baturité, onde sua família tinha prestígio político-social.

Mesmo com todos os problemas financeiros e pessoais, longe da capital que respirava intelectualidade, ela publicou *A Divorciada* em 1902 – nove anos após a morte desse grande amor que tivera –, um livro que foi recebido com ojeriza pela crítica literária e considerado um romance antifamiliar na visão da sociedade patriarcal da época. Mas esse rechaço, somado a outros, não a fizeram desistir; muito pelo contrário: embora distante de Fortaleza, em um momento especialmente fértil em termos de cultura, fundou a revista literária *A Estrela*, juntamente com uma de suas filhas e uma sobrinha, e uma escola, o segundo Externato Santa Clotilde.

Na vida adulta e velhice, Francisca Clotilde não estava mais residindo no Maciço de Baturité, passando a morar em Aracati. Na nova cidade, continuou escrevendo para jornais e revistas. Fundou também, na “terra dos bons ventos⁵”, seu terceiro Externato Santa Clotilde, escola considerada como uma referência em Educação.

⁵ “Aracati”, em tupi, quer dizer “vento ou rajada forte ou aragem forte ou ‘vento que cheira’”. É onde se localiza uma das praias mais famosas do litoral cearense: a paradisíaca Canoa Quebrada. É uma cidade importante e que preserva muito bem sua história e sua cultura (Nota da Autora).

Nossa fomenageada fez a sua história, marcou a sua época. E no cruzamento de fios da vida, formou-se a tela biográfica da poetisa, contista, dramaturga, romancista, abolicionista e professora Francisca Clotilde. Com sua biografia modal, temos o estudo da história social da província cearense dos séculos XIX e XX – mais precisamente de 1862 a 1935 –, alinhavado com outras áreas, em um trabalho de interdisciplinaridade.

Ela foi uma das muitas mulheres que buscaram espaço no universo intelectual masculino, tanto na área da Literatura como na da Educação – mulheres corajosas, protagonistas de suas próprias vidas e exemplos para nós – mulheres ou não. Elas não se acomodaram nem se permitiram ser “vítimas do destino” pensado para o feminino. Pelo contrário: procuraram ser atuantes, pioneiras, vencedoras; ser quem queriam e quiseram ser no momento que lhes coube entre nós viver.